História Medieval I

Lenalda Andrade Santos
Bruno Gonçalves Alvaro

São Cristóvão/SE
2012

Sumário

Aula 1

CONCEITO DE IDADE MÉDIA

META

Proporcionar aos alunos uma reflexão sobre a Idade Média como momento de criação da sociedade moderna.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
identificar as diferentes visões da Idade Média; questionar a idéia de ruptura entre o medievo e os tempos modernos; identificar nas transformações da Idade Média algumas das bases da sociedade moderna.

PRÉ-REQUISITOS

Antes de estudar o assunto desta aula reveja, no material didático disponível, a história da Grécia e de Roma, especialmente da parte cultural.

Lenalda Andrade Santos
Bruno Gonçalves Alvaro

INTRODUÇÃO

Caros alunos. Essa primeira aula marca o início de uma série de encontros durante os quais estaremos lendo, conversando e refletindo sobre o período da história denominado Idade Média. Como nosso curso acontece em continuidade ao que trata da História Antiga, é importante que antes de iniciá-lo vocês procedam a uma revisão dos assuntos estudados, especialmente daqueles que dizem respeito à Antiguidade Clássica.

Escolhi, para o começo dos nossos encontros, uma conversa sobre a conceituação, o significado, a importância do nosso objeto de estudo, a Idade Média.

Muito frequentemente o professor de História é questionado pelos alunos sobre a importância do estudo dessa matéria, especialmente quando se trata dos períodos antigos. Perguntas como: "Para que serve?", "Qual o sentido de estudar um período tão distante de nós, da nossa realidade?" certamente já devem ter lhe ocorrido. Dentre as diversas possibilidades de respostas, ou, numa síntese delas, podemos responder, por exemplo, dizendo que o conhecimento da História é importante para que as pessoas possam melhor cumprir seu papel político, econômico, cultural e social, possam exercer sua cidadania.

No caso da Idade Média, a resposta pode se basear na contribuição do medievo para o surgimento de várias instituições básicas, idéias, valores e modos de vida que se tornaram hegemônicos no Mundo Ocidental, o qual inclui a América e o Brasil. Ou seja, o estudo e a compreensão das identidades nacio- nais implicam num retorno às suas origens nos séculos medievais.

Revoltas camponesas na Idade Média (Fonte: http://www.cefetsp.br).

O CONCEITO DE IDADE MÉDIA

Satanás, no Apocalipse. São Severo (Fonte: Grandes personagens da história universal. v I - São Paulo: Abril Cultural, 1972, p. 238).

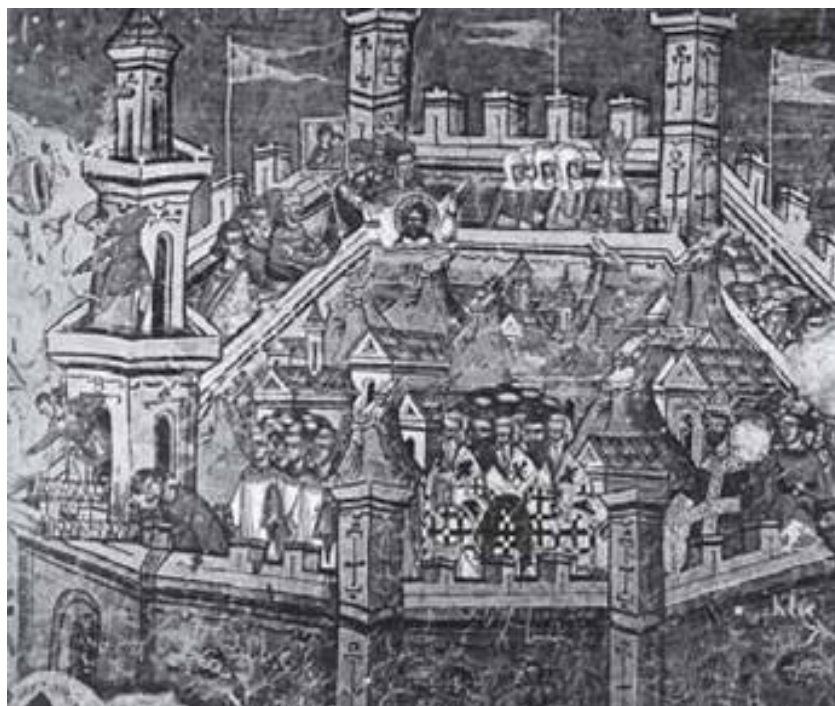
Por ser recente, creio que todos guardem na memória lembranças da passagem do ano de 1999 para o ano 2000, das comemorações, expectativas, previsões e, para muitos, do sentimento de temor e de incredulidade. Afinal, aquela foi uma virada de ano diferente das demais porque, junto com o fechamento de um século, vivíamos o início de um novo milênio.

Como as mudanças de milênio têm relação com um imaginário a respeito do fim do mundo, fato que pudemos testemunhar pessoalmente, lembrem que a mudança anterior, a que marcou o início do primeiro milênio, aconteceu em plena Idade Média, quando as pessoas viviam sobre forte influência da magia, da superstição e do medo.

Segundo estudiosos do período, a maior parte da população aguardava o fim do mundo naquela virada do ano 1000. Por que mudança de séculos e, mais ainda de milênios, provocam esses sentimentos de medo, de inseguranças, de fatalidade? A "resposta parece estar na concepção de tempo do cristianismo, que começa com a Criação ("No princípio Deus criou o céu e a terra"), passa pela Encarnação ("Quando chegou a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho nascido de uma mulher") e termina no Juízo ("O tempo está próximo"). (FRANCO JÚNIOR, 1999, p. 8).

A propósito dessa concepção de tempo linear, que avança de maneira

irreversível, vamos refletir sobre algumas questões relativas ao nosso tema de estudo, a Idade Média. Comecemos pela sua duração. Enquanto podemos identificar algum consenso entre os estudiosos, quando lhe atribuem um período de 10 séculos de duração, o mesmo não acontece quanto às datas de início e do fim. Dependendo da perspectiva adotada pelo pesquisador, política ou econômica, por exemplo, as balizas cronológicas aceitas variam entre os anos 476 (deposição do último imperador romano), 392 (oficialização do cristianismo) ou 330 (reconhecimento da liberdade de culto aos cristãos), como o ponto de partida da Idade Média e 1453 (queda de Constantinopla e fim da Guerra dos Cem Anos), 1492 (descoberta da América) e 1517 (início da Reforma Protestante), como marco final. (FRANCO JÚNIOR, 1986, p. 11).

Registre-se aqui que LE GOFF, um dos grandes responsáveis pela renovação dos estudos medievais, defende uma cronologia "provocativa" (segundo o próprio estudioso) para a Idade Média. Trata-se de uma Idade Média muito longa, nascida de uma Antiguidade Tardia prolongada até o século X, dividida em três seqüências temporais: uma Idade Média Central que vai do ano 1000 à grande peste de 1348; uma Idade Média Tardia, da Guerra dos Cem Anos à Reforma Protestante; por fim, um longuíssimo Outono da Idade Média, terminando, no nível das estruturas políticas, com a Revolução Francesa e, no plano das mentalidades, com a Revolução Industrial do século XIX". (LE GOFF; SCHMITT; 2002, p. 549).

Tomada de Constantinopla pelos turcos representada em afresco romano. (Fonte: Grandes personagens da História Universal. v III – São Paulo: Abril Cultural, 1972, p. 559)

Os marcos cronológicos escolhidos para o início e o fim do nosso curso são as datas de 476, ano da queda do último imperador romano, e 1492, ano da Descoberta da América. A importância do fim do Império Romano na criação de condições para uma nova ordem política, social e econômica e a ampliação definitiva das fronteiras do mundo, que resultaram da descoberta da América, justificam a escolha. Entre o primeiro fato, ocorrido no século V, e o segundo, datado do século XV, transcorreram 10 séculos.

Examinemos agora o conceito de Idade Média, observando as diferentes formas de ver o período, desde o seu encerramento até os dias atuais.

Quando no século XIV o italiano Petrarca, um erudito apaixonado pela cultura clássica, contrapôs a Antiguidade ao período que se seguiu ao declínio das civilizações grega e romana e definiu-o como uma "Idade das Trevas", forneceu a base conceitual para a visão negativa da Idade Média. Entre os séculos XV e XVI, paralelamente ao surgimento do ter- mo Renascimento, usado para designar uma nova fase, surgia a expressão "tempos médios" como denominativo do período situado entre a grandiosidade Clássica e a Renascença.

No século XVII, a idéia de que a "idade média" teria representado "uma interrupção no progresso humano, inaugurado pelos gregos e romanos e retomado pelos homens do século XVI", fortaleceu a visão do medievo como uma época de barbárie, ignorância e superstição. Foi nele também que surgiu o primeiro manual escolar com a divisão ternária da história em tempos "antigos", "médios" e "modernos".

Na época, os séculos medievais eram criticados pelos diversos segmentos hegemônicos: "Os protestantes criticavam-nos como época de supremacia da Igreja Católica. Os homens ligados às poderosas monarquias absolutistas lamentavam aquele período de reis fracos, de fragmentação política. Os burgueses capitalistas desprezavam tais séculos de limitada atividade comercial. Os intelectuais racionalistas deploravam aquela cultura muito ligada a valores espirituais" (FRANCO JÚNIOR, 1986, p. 18)

Se os primeiros tempos do século XVIII registram já uma diminuição do desprezo à Idade Média, que aos poucos vai sendo despojada da conotação pejorativa, foi só no século seguinte que se inaugurou o movimento de reabilitação do medievo que acabou levando a uma outra visão preconceituosa da fase. À medida que pensadores ligados ao movimento Romântico exaltam a Idade Média, considerando o surgimento das nacionalidades no seu transcurso, acabam idealizando-a como "período esplêndido, um dos momentos da trajetória humana a ser imitado".

Dessa for ma, é só no século XX que surge uma historiografia medievalista estruturada em base metodológica que associa rigor científico e imaginação, a qual, desde então, não para de renovar-se e de confirmar a importância da Idade Média como matriz da Civilização Ocidental.

O que os historiadores do medievo têm demonstrado? Principalmente, que a Idade Média não foi um período de ruptura. Não o foi em relação à Antiguidade e, muito menos, no que diz respeito aos tempos modernos. Hilário Franco Júnior, por exemplo, identifica como medievais os quatro movimentos inauguradores da Modernidade: Renascimento, Protestantismo, Descobrimentos e Centralização.

Segundo o pesquisador esses movimentos são originalmente medievais. No caso do Renascimento dos séculos XV e XVI, porque recorreu a modelos culturais clássicos, que a Idade Média também conhecera e amara e mais, foi através dela que os renascentistas tomaram contacto com a Antiguidade.

Nessa linha de análise o Protestantismo foi, em última análise, "apenas uma heresia que deu certo. Isto é, foi o resultado de um processo bem anterior, que na Idade Média tinha gerado diversas heresias, várias práticas religiosas laicas, algumas críticas a um certo formalismo católico".

Os Descobrimentos, também se assentavam em bases medievais nas técnicas náuticas, na motivação e nas metas. E a Centralização Política, para o estudioso, "era a conclusão lógica de um objeto perseguido por inúmeros monarcas medievais", da mesma forma que "o sentimento nacionalista, que fornecia o substrato psicológico necessário à concretização do poder monárquico centralizado, também era de origem medieval". (FRANCO JÚNIOR, 1986, p. 171-172).

Mapa do início dos descobrimentos Marítimos (Fonte: Grandes personagens da história universal, v II, p. 489)

Em síntese, a Idade Média não foi apenas “uma passagem, um intermédio: um vazio na vaga do tempo, um intervalo da grande história”, conforme LE GOFF, mas uma época de transformações que lentamente evoluíram e se transformaram em alicerces da sociedade moderna.

> Você sabia que dentre as contribuições do medievo para a Idade Moderna, se incluem: a cidade, a nação, o Estado, a universidade, o moinho, a máquina, o relógio, o livro, o garfo, o vestuário, a pessoa, a consciência, a revolução? (PEDRERO-SANCHEZ, 2000, p. 16)

Antes de finalizar essa nossa primeira conversa vamos falar um pouco sobre algumas opções que fizemos na definição do roteiro do nosso curso. A primeira diz respeito à escolha da Europa Ocidental como foco dos estudos, que não se deveu não apenas à maior importância dessa região nas transformações que marcam a Idade Média, mas também pela impossibilidade de se mostrar a história do mundo de então durante os 1000 anos que delimitam a fase.

A escolha de outros destaques como o do Império Carolíngio, no estudo que faremos sobre os Reinos Germânicos; das Civilizações Bizantina e Muçulmana, quando tratarmos das Sociedades Mediterrâneas; da Igreja Medieval, do Feudalismo, das Cruzadas, do Comércio e das Cidades, das Monarquias Feudais e do Pensamento Medieval, resultam da importância dos mesmos no que diz respeito às transformações que dão significado à Idade Média.

“A tese primordial [...] deste trabalho como um todo, é a de que algo novo, distinto e essencialmente original começou na par te européia ocidental do Império Romano, que seus elementos são identificáveis a partir do século IV, e alguns até mesmo antes. Esse “algo de novo” talvez se compreenda melhor como uma nova atitude para com a vida. Nos séculos de sua for mação, ela é parcialmente obscurecida pelas aparências externas dos remanescentes romanos, mais familiares e mais evidentes, pela turbulência da época e pela escassez de novas fintes. Grande parte das informações que mais gostaríamos de ter não pareceu aos contemporâneos como merecedora de ser preservada, sob qualquer forma; outra parte perdeu-se para nós em incêndios, guerras, mau trato. Talvez a pior ameaça de todas tenham sido sertãs idéias fixas poderosas: a preocupação com a imensa epopéia do declínio e queda, a opinião “autorizada” de que o princípio da Idade Média foi uma época de ignorância supersticiosa e letargia geral, animada apenas por instantes de violência e crueldade bárbaras. A imagem – carente de compreensão, mas inesquecível – de “cor vos se alimentando da carniça” e “larvas se arrastando pela carcaça”, de Toynbee, pode ser

lembrada de passagem. Sabemos agora que a Idade das Trevas não foi de trevas. Ignorância, letargia, desordem, existiram então como hoje, e longe estiveram de predominar numa época ansiosa de conhecimentos, vigorosa em seu modo de viver e de se expressar, e idealista na suas construções. Talvez não seja demais dizer que a sociedade medieval tinha formas funcionais com que a idade antiga nem sonhara, formas essas que levaram a fins jamais imaginados em épocas anteriores. Por "funcional" entendo que era uma sociedade ativa, trabalhadora, experimentadora, cometendo erros frequentemente, mas também utilizando a energia de seu povo muito mais integralmente que suas predecessor a s, e finalmente permitindo a esse povo um desenvolvimento muito mais amplo e mais livre. O fato de que as condições, acontecimentos e povos se tivessem reunido de tal forma no princípio da Idade Média foi extremamente feliz para os atuais herdeiros da civilização ocidental". (BARK, 1966, p. 100-101).

CONCLUSÃO

Compreendendo 10 séculos de história, a Idade Média, desde que foi assim denominada pelos renascentistas, ganhou uma conotação pejorativa da qual ainda hoje carrega vestígios. Visto durante três séculos como tempo de trevas e de barbárie, o medievo só começou a ser valorizado no século XIX, época do surgimento da História Medieval baseada em fun- damentos científicos.

No século XX a Idade Média despertou o interesse de estudiosos ligados à corrente da Nova História, para os quais data daí o surgimento da sociedade moderna. Ao invés de um tempo somente intermediário entre dois grandes momentos de apogeu cultural, a leitura que hoje se faz dos séculos medievais privilegia as transformações, a evolução, como elementos de ligação entre a Idade Média e os tempos modernos.

Essa é uma imagem da Idade Média tão verdadeira como a que associa o tempo de sua duração à ocorrência de epidemias como a da peste, de guerras como a dos Cem Anos, de bruxarias e ao temor delas que acabaram levando pessoas como Joana D'Arc à fogueira.

RESUMO

Caros alunos, com esta aula iniciamos o curso de História Medieval e, para falar sobre o conceito de Idade Média, que é o tema de abertura, lembramos um pouco do sentimento que marcou, há oito anos, o início de um novo milênio e que nos identifica com a geração que viveu a virada do ano 1000, em plena Idade Média.

Aprendemos que o significado negativo dos tempos medievais começou a ser elaborado no século XIV e foi se consolidando nos séculos seguintes, como contraponto à grandiosidade da cultura dos gregos e dos romanos e dos homens da Renascença. Considerado um período de trevas e de barbárie, os séculos que se seguiram à queda de Roma tinham um significado de ruptura, segundo esta perspectiva.

Foi só a partir do final do século XVIII que o menosprezo à Idade Média começou a se acentuar, alcançando uma grande inversão no século seguinte, quando chegou a ser vista como um período de esplendor. O século XX registra um grande avanço da historiografia medievalista, para a qual a Idade Média é a matriz da Civilização Ocidental.

ATIVIDADES

No período entre os séculos V e XV, e que na divisão quaternária da história recebe o nome de Idade Média, aconteceram diversas transformações, muitas das quais se tornaram importantes fundamentos da sociedade moderna.

1. O que você sabia sobre a Idade Média antes de iniciar este estudo?
2. Indique alguns elementos que você associa à representação da Idade Média.
3. O que mudou no seu entendimento a respeito do período?
4. Utilize a internet para saber mais sobre essa fase da história.

AUTO-AVALIAÇÃO

1. O que você sabia anteriormente sobre a Cultura Clássica foi suficiente para ajudá-lo a entender a abordagem do significado da Idade Média?
2. Você conseguiu identificar o que mudou na visão da Idade Média no período entre o século XVI e o século XX?

PRÓXIMA AULA

Na próxima aula falaremos sobre os povos bárbaros que invadiram e ocuparam o Império Romano do Ocidente e sobre os Reinos Germânicos que se organizaram na Europa.

REFERÊNCIAS

BARK, William Carroll. **Origens da Idade Média**. São Paulo: Zahar, 1966. FRANCO JÚNIOR, Hilário. **O ano 1000**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_________. **A Idade Média e o nascimento do ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

GIORDANI, Mário Curtis. **História do Império Bizantino**. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 1968.

LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (coord). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. v. I. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

_________. **Para um novo conceito de Idade Média**: tempo, trabalho e cultura no ocidente. Lisboa: Editorial Estampa, 1993.

_________. **A civilização do ocidente medieval**. Bauru,SP: Edusc, 2005

PEDRERO-SANCHEZ, Maria Guadalupe. História da Idade Média: textos e testemunhas. São Paulo: Editora UNESP, 2000.